



Circuito Infância 2014

CADERNO DE TEXTOS



CULTURA

Caderno de Textos

Circuito Infância.....	03
Dicas de sites.....	04
Dicas de discos e livros.....	04
Precisa-se de Loucos.....	05
Artigo “Leitura da Literatura”.....	06

Oficina Transposição Poética

Textos auxiliares	15
Vinicius de Moraes para Crianças.....	32
“Poemas Musicados”	36

Seleção de textos gerais: Ana Cristina
Minas Gerais, 2013.

Desde 2000, o projeto Caravana Poética leva música e a poesia, em suas mais diversas formas de expressão, a cidades de MG, em escolas, praças, bibliotecas teatros.

Todos os eventos são gratuitos. Com shows, oficinas, hora do Conto, Varal de Poesia, Workshops, as comunidades apreciam cultura, entretenimento, conhecimento, num contato intenso com a produção poética da língua portuguesa.

Em 2003, com o lançamento do CD Poemas Musicados, os municípios integrantes do projeto passaram a receber doação de exemplares do disco, para distribuição a todas as escolas públicas e bibliotecas, com a finalidade de utilização em sala de aula. Além das músicas, o CD contém uma faixa interativa, para uso em computador, com imagens, textos e a biografia de todos os poetas constantes do disco.

Em 2005, mais uma etapa do projeto: a gravação em CD de poemas de Vinicius de Moraes para Crianças, com distribuição gratuita a creches e escolas infantis. Lançado em agosto daquele ano, o CD “Histórias Cantadas da Arca de Noé-1” já está em mais de 3000 creches, escolas infantis e bibliotecas públicas.

Em 2007, mais um disco: o segundo volume das “Histórias Cantadas”, com distribuição gratuita de mais de 2 mil exemplares às instituições públicas de ensino e pesquisa.

Em 2010, inaugura-se uma nova fase do projeto, com o CIRCUITO INFÂNCIA, que prioriza a sensibilização das crianças e de seus educadores. Um prazer e alegria espalhados por dezenas de municípios.

Hoje, mais de uma década de Caravana, temos a certeza de que o nosso trabalho significa, além do sucesso da empreitada, a certeza de que estamos apenas começando, mas no caminho certo, empenhados em levar poesia a cada cantinho de Minas e do Brasil!

Alguns sites da Internet para a leitura da poesia:

www.releituras.com

www.caravanapoetica.com.br

<http://carlosdrummonddeandrade.com.br/>

<http://www.memoriaviva.com.br/drummond/index2.htm>

www.dominiopublico.gov.br

www.secrel.com.br

www.templodemizzi.com.br

www.instituto-camoes.pt

www.jornaldecrônicas.com.br

www.casafernandopessoa.com

www.poesiamineira.kit.net

www.opoema.libnet.com.br

www.todas.com.br

www.fundacaojorgeamado.com.br

www.alati.org/matrislingua (sobre acalantos)

www.viniciusdemoraes.com.br

www.paubrasil.com.br/paes

www.xadrezeduca.com.br

www.algumapoesia.com.br

www.caracol.imaginario.com/autografos/index.html

Dicas de discos:

- **Histórias Cantadas da Arca de Noé 1 e 2** (Ana Cristina)
- **Poemas Musicados ao Vivo** (Ana Cristina)
- **Bia Canta e Conta 1 e 2** (Bia Bedran)
- **Três Pontes** (Amaranto)
- **Girafulô** (Márcio Gato)
- **Catibiribão 1 e 2** (Sílvia Negrão)
- **Crianceiras Manoel de Barros** (Márcio de Camilo)
- **Pé com pé e todos da Palavra Cantada**
- **Adriana Partimpim I** (Adriana Calcanhoto)
- **Vila Sésamo** (reeditado em CD)
- **A Zeropéia** – Regina Spósito e outros
- **Enrola-Bola** (Rubinho do Vale)
- **O Vão do Pterodátilo** (Grupo Curupaco)

Dicas de livros para professores:

- Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil
- NAVARRO, Mari Diez. Afetos e Emoções no Dia-a-dia da Educação Infantil. Porto Alegre, Artmed, 2004.
- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. SP, Scipione, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. SP, Global, 1981.
- KORCZAK, Janusz. Quando Eu Voltar a Ser Criança. SP, Summus, 1981.
- SARAIVA, Juracy Assmann. Literatura e Alfabetização. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria e Prática. SP, Ática, 1983.
- BARBOSA, Reni Tiago Pinheiro. Pontos para Tecer um Conto. Belo Horizonte, Lê, 1987.
- Revista Pátio – Educação Infantil. Artmed Editora. Revista Nova Escola – Editora Abril

Precisa-se de Loucos

"De loucos uns pelos outros! Que em seus surtos de loucura tenham habilidades suficientes para agir como treinadores de um mundo melhor. Que olhem a ética, o respeito às pessoas e a responsabilidade social, não apenas como princípios organizacionais, mas como verdadeiros compromissos com o Universo. Precisa-se de loucos de paixão. Não só pelo trabalho, mas principalmente por gente, que vejam em cada ser humano o reflexo de si mesmo, trabalhando para que velhas competências dêem lugar ao brilho no olhar e a comportamentos humanizados.

Precisa-se de loucos de coragem para aplicar a diversidade em suas fileiras de trabalho, promovendo igualdade de condições sem reservas, onde as minorias possam ter seu lugar, em um ambiente de satisfação e crescimento pessoal, independente do tamanho do negócio, segmento ou origem do capital.

Precisa-se de loucos visionários que, além da prospecção de cenários futuros, possam assegurar um novo amanhã, criando estratégias de negócios que estejam intrinsecamente ligadas à felicidade das pessoas. Primeiro a gente é feliz, depois a gente faz sucesso, não se pode inverter esta ordem.

Precisa-se de loucos pelo desconhecido que caminhem na contramão da história, ouvindo menos o que os gurus têm a dizer sobre mobilidade de capitais, tecnologia ou eficiência gerencial e ouvindo mais seus próprios corações.

Precisa-se de loucos políglotas que não falem inglês, espanhol, francês ou italiano, mas que falem a língua universal do amor, do amor que transforma, modifica e melhora. Palavras não transformam empresas e, sim, atitudes.

Precisa-se simplesmente de loucos de amor. De amor que transcende toda a hierarquia, que quebra paradigmas; amor que cada ser humano deve despertar e desenvolver dentro de si e pôr a serviço da vida própria e alheia. Amor cheio de energia, amor do diálogo e da compreensão, amor partilhado e divino, do jeito que Deus gosta.

As organizações precisam urgentemente de loucos, capazes de implantar novos modelos de gestão, essencialmente focados no SER, sem receios de serem chamados de insanos, que saibam que a felicidade consiste em realizar as grandes verdades e não somente em ouvi-las.

Ou resgatamos a Inocência perdida ou teremos que desistir de vez da condição de HUMANOS."

"Quem escreve quer perdurar."

Maria Rita Kehl, em conferência na Pampulha

sexta-feira, 15 de abril de 2011, às 14h22

A escrita existe porque existe o tempo, afirmou a psicanalista Maria Rita Kehl na reabertura do ciclo de conferências Sentimentos do Mundo, no campus Pampulha da UFMG. Vencedora do prêmio Jabuti de 2010 na categoria Melhor Livro de Educação – com *O Tempo e o Cão* –, Maria Rita publicou três livros de poesia e atua em diversos veículos de comunicação.

Dentro do tema "O Mundo por Escrito", Maria Rita declamou poemas de Manuel Bandeira, contou piadas e leu um texto que escreveu especialmente para o seminário, abordando a relação entre a escrita e o tempo. Abaixo, um resumo de sua palestra.

Por que escrevo?

Só se conhece o mundo através da escrita, que é, também, uma forma de "guardar o tempo". Mesmo quando não se escreve sobre o tempo, escreve-se o tempo. Escrever é uma tentativa de prender o tempo numa página. "Quem escreve quer perdurar", afirmou Maria Rita.

Deslumbramento simulado

Segundo Maria Rita, com o passar do tempo, o tédio adolescente mostra que acabou a infância. O encantamento, antes acessível, torna-se cada vez mais raro. Os jovens talvez usem drogas tentando reproduzir, de forma falha, esse paraíso perdido, simulando o deslumbramento infantil.

Tempo real

O tempo que nos pertence é o individual. Não se pode deter o "tempo real" – o tempo que passa – mas existem momentos em que o tempo se detém. "Nessa hora, estamos dentro do tempo", filosofa. De acordo com a escritora, para o inconsciente, tudo é presente.

Dor temporal

O corpo não sabe que o tempo passou. "O corpo é sempre agora", afirma Maria Rita. Quando a memória avisa ao corpo que os anos passaram, "a consciência do tempo dói".

O relógio da arte

Toda arte inclui o tempo ao representá-lo. Os objetos de arte transmitem a memória, através das impressões individuais de cada artista. O melhor lugar para a arte é a memória.

Poder da palavra

"A palavra é capaz de escrever o real e sobrevive aos homens. Não nos relacionamos pelas palavras, mas com as palavras. As palavras permitem que a memória retenha as coisas ao nomeá-las, atribuindo-as um valor".

Humor que supera o tempo

Segundo Maria Rita Kehl, devemos trazer o valor das palavras humorísticas para nosso cotidiano. Ela lembrou que, segundo Freud, o dito irônico é um dos recursos mais sublimes contra as adversidades da vida. O humor supera, através da palavra, o nosso "eu". "Rir é perdoar-se", disse, sorrindo, a escritora.

LEITURA DA LITERATURA: A CONSTRUÇÃO DO SER POÉTICO

Eleonora Cretton Abílio*

*Especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela UFF. Técnica de Assuntos Educacionais da UFF/PROALE
(Programa de Alfabetização e Leitura)

*"Poeta, não somente o que escreve.
É aquele que sente a poesia,
se extasia sensível ao achado"*

Cora Coralina

"Por que motivo as crianças de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo?"

Por que razão este questionamento do grande poeta Carlos Drummond de Andrade, em 1974, parece-nos ainda tão atual?

Constatar que as crianças, de modo geral, são poetas, significa considerar a experiência lingüística, lúdica e poética que possuem, antes mesmo de entrarem para a escola, experiência esta revelada pela oralidade, pela sonoridade e pelos jogos de palavras que criam, passando a constituir seu repertório presente nas cantigas, nas quadrinhas rimadas, ritmadas e em outras criações verbais tão próprias dessa fase de suas vidas.

Neste sentido, e na perspectiva do letramento, é importante reconhecer a força da oralidade no desenvolvimento lingüístico da criança. Associando o jogo à iniciação literária, Ligia Cademartori Magalhães (1987) considera que a poesia infantil, lida ou ouvida, parece oferecer um meio de remediar a brusquidão provocada pela ruptura entre o ludismo infantil e a iniciação no código verbal, com a entrada para a escola.

De fato, quando ingressamos na escola, dificilmente somos estimulados a ouvir e ler poemas. O texto serve de trampolim, na maioria das vezes, para o estudo de vocabulário, regras gramaticais e de estilo.

Há um livro de que gosto muito e cuja autora nos faz despertar para a sensibilidade poética – *Literatura Infantil & Juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*, de Vânia Maria Resende, que dedica um capítulo à reflexão sobre a iniciação da criança no universo da poesia. Dele retirei um pequeno trecho para ilustrar e ampliar as possíveis respostas à questão que Drummond nos faz.

A afetividade que existe na relação da professora com as crianças menores, na escola, é decisiva para introduzi-las no mundo fantasioso e emocionante das histórias, dos poemas, dos jogos, das cantigas, dos brinquedos folclóricos e de músicas acessíveis à sensibilidade infantil. Educador e criança farão parte de uma mesma realidade que integra os sentidos, as idéias, as fantasias e as emoções.

Assim, professores desde a Educação Infantil devem ser sensíveis, durante a experiência escolar, à manutenção da espontaneidade poética e à abertura para o jogo sonoro e semântico que tanto as crianças apreciam. E para evitar que ocorra aquela ruptura entre Educação Infantil, Alfabetização e o Ensino Fundamental, essa sintonia com a apreciação poética deve permear todo o trabalho com a linguagem na escola.

Para tanto, há que se construir o ser poético também em adultos, educadores, que não tiveram contato mais estreito com a poesia. Conheço dois fatos curiosos que me foram relatados a partir de um trabalho desenvolvido na área da leitura e produção de textos, com professoras do Ensino Fundamental de uma escola pública.

O primeiro é representativo do pensamento de muitos professores a respeito do trabalho com a poesia na escola e pode ser resumido pela seguinte frase: *“Esse negócio de versinho, rima, som são coisas da pré-escola. Nós temos que dar conteúdo! Não temos tempo a perder”*. Professores com essa atitude estão longe de promover a educação do ser poético. Na verdade, eles mesmos precisam ter despertada sua apreciação poética. Poesia também é conteúdo nas aulas de linguagem. É um texto diferente da narrativa ficcional. E as crianças precisam conhecê-lo: observar sua percepção global, o tema que aborda, sua distribuição espacial, a eventual presença de um título, nome do autor, estrofes, possíveis rimas, a eventual ausência de pontuação, etc.

Tudo isso e muito mais são as marcas de um poema e, portanto, conteúdo imprescindível na formação de leitores autônomos, sujeitos que fazem escolhas, que não recebem tudo pronto, que querem dizer sua própria palavra, instigados pelos vários sentidos, pelas diversas vozes que sentem fluir dos textos literários a que têm acesso.

O segundo relato vem de uma professora da mesma escola que, ao trabalhar com poesia na sala de aula, surpreendeu-se com um aluno que gostava de escrever poemas. Num dia de aula de Ciências, este aluno perguntou-lhe se poderia escrever o assunto da aula, sob a forma de poema, um forte indicador de que essa criança já traz em si o instinto poético a que Drummond se refere em seu artigo. Bastou-lhe o estímulo da professora, para ousar ter variadas experiências com a língua, enquanto fenômeno que está à sua disposição.

Esse é, portanto, um aluno que não se submete à língua como um dom exterior a ele, sobre o qual ele não tem direitos (Cademartori, 1987).

José Paulo Paes, grande poeta e tradutor brasileiro, que também escreveu para crianças, deixou como contribuição, na forma de versos livres e simples, sua concepção de poesia e prosa, tal qual deve ter imaginado que as crianças gostariam de ler:

Poesia e Prosa

'Pode-se escrever em prosa ou em verso.

Quando se escreve em prosa, a gente enche a linha do caderno até o fim, antes de passar para a outra linha.

E assim por diante até o fim da página.

Em poesia não: a gente muda de linha antes do fim,

deixando um espaço em branco antes de ir para a linha seguinte.

Essas linhas incompletas se chamam de versos.

Acho que o espaço em branco é para o leitor poder ficar pensando.

Pensando bem no que o poeta acabou de dizer.

Algumas vezes, lendo um verso,
a gente tem de voltar aos versos de trás para entender melhor o que ele quer dizer.
Principalmente quando há uma rima, isto é, uma palavra com o mesmo som de outra lida há pouco.
Então, a gente vai procurá-la para ver se é isso mesmo.
A prosa é como trem, vai sempre em frente.
A poesia é como o pêndulo dos relógios de parede de antigamente,
que ficava balançando de um lado para outro.
Embora balançasse sempre no mesmo lugar,
o pêndulo não marcava sempre a mesma hora.
Avançava de minuto a minuto, registrando a
passagem das horas: 1, 2, 3, até 12.
Também a poesia vai marcando, na passagem da vida,
cada minuto importante dela.
De tanto ir e vir de um verso a outro, de uma rima a outra,
a gente acaba decorando um poema e guardando-o na memória.
E quando vê acontecer alguma coisa parecida
com um poema que já leu, a gente logo se recorda dele.
Geralmente, a prosa entra por um ouvido e sai pelo outro.
A poesia, não: entra pelo ouvido e fica no coração. “

O poeta se investe do papel de subverter a lógica das conceituações da língua e cria suas próprias definições para prosa e poesia, assumindo o ponto de vista infantil e deixando de falar como adulto. Ao se colocar na dimensão da infância, ou dizendo de outra forma, de como, na infância, o sujeito melhor entenderia as noções abordadas. Desafiando o leitor infantil a também demonstrar que “sabe escrever” (expressão que se insere no título do livro), o poeta demonstra a tendência a enfatizar a poesia, ressaltando-lhe algumas características.

O ato de escritura e, conseqüentemente, o de leitura pressupõem uma certa incompletude, quando se lê *Acho que o espaço em branco é para o leitor poder ficar pensando*. Isto é, o texto não tem que dar os conceitos arrumados, acabados. Isso fica para o leitor pensar, concluir, construir.

Além disso, cria efeitos de estranheza (BORDINI, 1986), pelas comparações feitas para prosa (*trem*) e poesia (*pêndulo de relógio*). Esse jogo de efeitos inesperados aguça a curiosidade e surpreende o leitor, ao mesmo tempo em que o prende ainda mais ao texto.

Em síntese, por essa breve análise de uma produção poética recente do autor, publicada em sua homenagem póstuma, observa-se o tratamento respeitoso do poeta à destinatária desse texto de qualidade estética: a criança, ser pensante, que está em pé de igualdade com qualquer pessoa de qualquer idade.

Outros autores têm escrito poesia para crianças sobre os mais variados temas: família, infância, brincadeiras, animais, meio ambiente etc. Inovando, quanto ao destinatário de seus poemas, Lalau e Laurabeatriz, em *Brasileirinhos: poesia para os bichos mais especiais da nossa fauna* 4, criaram e ilustraram belos poemas, nos quais mostram sua preocupação com a extinção de certos animais.

Por isso, lhes dedicam breves poemas, num gesto de sensibilização do leitor infantil para com esses animaizinhos, a quem chamam de *Brasileirinhos*. O que fazem é um verdadeiro elogio às espécies ameaçadas de nosso país. Vale conferir um desses poemas:

Ararinha-azul

Ararinha-azul

Procura

No céu azul

Por outra

Ararinha-azul.

Mas, no azul do céu

Tem tanto azul,

Que a ararinha-azul

Só encontra azul,

Azul, azul, azul.

A presença da palavra *azul* em vários versos, longe de tornar o texto repetitivo, dá ao leitor a exata dimensão da solidão das ararinhas-azuis, do quanto sua presença é escassa, em seu próprio habitat.

No livro, do lado direito da folha, ampliando e enriquecendo a leitura, a ilustração em tons de azul revela a ave tão pouco conhecida das crianças das regiões Sudeste e Sul do país. Do lado esquerdo da página, o poema é seguido por um pequeno texto informativo sobre a região do Brasil em que se encontra aquela espécie, seu tamanho e seus hábitos.

Além de despertar a consciência acerca de um assunto tão pouco explorado a necessidade de sensibilização para questões ecológicas, que deve estar presente desde a infância, o leitor tem a oportunidade de observar e comparar dois gêneros de texto, colocados na mesma página, tratando de maneira diferente o mesmo tema. Isto enriquece a leitura e a compreensão dos textos escritos, sua estruturação, seu estilo.

Em geral, a poesia se dá a conhecer na escola, permitindo a crianças e professores sintonizar-se com a linguagem literária. Para além disso, desafia-se a criança para o exercício de alguns procedimentos de um leitor que se vem letrando gradativamente, aquele que levanta hipóteses, interroga o texto e se interroga, mobilizando estratégias para melhor compreender, sentir e dizer o texto poético. Mais ainda, as práticas orais que resgatam as parlendas, os trava-línguas, as quadrinhas e cantigas de roda, bem como a leitura **com, para e pelas** crianças, de poesias de autores como Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Maria Dinorah, Sidônio Muralha, Sérgio Capparelli, Mario Quintana, Elias José, Roseana Murray, Lalau, José Paulo Paes, Bartolomeu Campos Queirós, dentre outros, devem estar presentes no cotidiano escolar

A própria literatura de Drummond e de outros poetas, voltada para adultos, também pode ser lida por crianças e adolescentes com prazer e encantamento.

Na poesia dos autores mencionados, a unidade rítmica e melódica dos poemas, as figuras fônicas (aliteração, ritmo, etc.), os recursos imagéticos responsáveis pelo deslocamento de sentido das palavras em direção ao inabitual, desafiam o leitor para o exercício criativo da imaginação (MELLO, 1987) e o gradativo domínio da linguagem.

Levar para a sala todos os livros de poesia de que se pode dispor, voltados para crianças e jovens, aguça os sentidos: tocá-los, folheá-los, ler quantos livros se quer até encontrar aquela poesia que mais de perto lhes fale; ler em silêncio e oralmente essas poesias, comentá-las, relacionando-as com passagens da história de vida de cada um; inferir sentidos possíveis; desenhar cenários poéticos para essas poesias; copiá-las para tê-las quando quiser... Apossar-se delas. Rearrumá-las numa folha branca, a partir do que as palavras mesmas sugerem, como o fazem os poetas concretos. No trabalho com o gênero poético, estas podem ser algumas sugestões para serem levadas a efeito, quando se tem como propósito um processo de ensino-aprendizagem na perspectiva do letramento.

Referências Bibliográficas

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *A educação do ser poético*. Suplemento Pedagógico nº 34, do jornal *Minas Gerais*. Belo Horizonte, outubro de 1974.
2. BORDINI, Maria da Glória. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
3. KLEIMAN, Ângela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. ROJO, Roxane. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
4. LAJOLO, Marisa (coord.). *Histórias e histórias: guia do usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE 99: literatura infanto-juvenil* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 2001.
5. MAGALHÃES, Ligia Cademartori. Jogo e iniciação literária. In: ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia C. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.
6. MELLO, Ana M^a L. de. Em defesa da poesia. In: *Perspectiva*. Revista do Centro de Ciências da Educação. PIACENTINI, Tânia M^a (org.). Florianópolis: Editora da UFSC nº 9; julho/dezembro de 1987.
7. RESENDE, Vânia M^a . *Literatura Infantil e Juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva, 1993.

Oficinas de Transposição Poética

As oficinas trabalham a vivência de interpretações multidisciplinares de poemas e textos de autores da Língua Portuguesa.

A partir de 2010, com o **Circuito Infância**, integrou-se ao meu de assuntos maior ênfase à narração de histórias, para que os participantes possam utilizar esse riquíssimo recurso em favor da sensibilização das crianças.

Poesia pode tudo: música, sons, desenhos, dramatizações, esculturas, bordados...

Os trabalhos enfatizam a multiplicidade da poesia e sua capacidade de ir além do texto escrito.

Público-alvo: educadores, atores, narradores, comunidade (acima de 18 anos), para todas as disciplinas e conteúdos.

Propõem o exercício criativo da interpretação dos textos, por meio de jogos dramáticos, expressões plásticas, análise de conteúdos, contextualização e elaboração e planejamento de apresentações.

Entre as atividades, uma visita e colheita no Varal de Poesia, para promover vivência e metamorfose de um conteúdo literário e uma sessão comentada, voltada para a audição dos CDs Poemas Musicados e Histórias Cantadas da Arca de Noé, cujos espetáculos homônimos integram a programação da Caravana Poética.

CONVITE

José Paulo Paes

POESIA
É BRINCAR COM PALAVRAS
COMO SE BRINCA
COM BOLA, PAPAGAIO, PIÃO.

SÓ QUE
BOLA, PAPAGAIO, PIÃO.
DE TANTO BRINCAR
SE GASTAM.

AS PALAVRAS NÃO:
QUANTO MAIS SE BRINCA
COM ELAS
MAIS NOVAS FICAM.

COMO ÁGUA DO RIO
QUE É ÁGUA SEMPRE NOVA.

COMO CADA DIA
QUE É SEMPRE POESIA.

VAMOS BRINCAR DE POESIA?

A PESCA

Afonso Romano de Sant'anna

O ANIL

O ANZOL

O AZUL

O SILÊNCIO

O TEMPO

O PEIXE

A AGULHA

VERTICAL

MERGULHA

A ÁGUA

A LINHA

A ESPUMA

O TEMPO

O PEIXE

O SILÊNCIO

A GARGANTA

A ÂNCORA

O PEIXE

A BOCA

O ARRANCO

O RASGÃO

AQUILÍNEO

ÁGIL-CLARO

ÉSTABANADO

O PEIXE

A AREIA

O SOL

NOTURNO ARREBALEIRO

Mário Quintana

OS GRILOS... OS GRILOS...

MEU DEUS, SE A GENTE

PUDESSE

PUXAR

POR UMA

PERNA

UM SÓ

GRILO,

SE DESFIARIAM TODAS AS ESTRELAS!

O SUPREMO CASTIGO

Mário Quintana

EM TODOS OS AERÓDROMOS,

EM TODOS OS ESTÁDIOS,

NO PONTO PRINCIPAL DE

TODAS AS METRÓPOLES, EXISTE

- QUEM É QUE NÃO VIU? - AQUELE CARTAZ.

DE MODO QUE,

SE ESTA CIVILIZAÇÃO DESAPARECER

E SEUS DISPERSOS E BÁRBAROS SOBREVIVENTES

TIVEREM DE RECOMEÇAR TUDO DESDE O PRINCÍPIO

- ATÉ QUE UM DIA TAMBÉM

TENHAM SEUS PRÓPRIOS ARQUEÓLOGOS

- ESTES HÃO DE SEMPRE ENCONTRAR,

NOS MAIS DIVERSOS PONTOS DO MUNDO

INTEIRO, AQUELA MESMA PALAVRA.

E PENSARÃO QUE COCA-COLA

ERA NOME DO NOSSO DEUS!

A TELEVISÃO

Chico Buarque de Hollanda

O HOMEM DA RUA	QUE NÃO ESTAVA NO PROGRAMA
FICA SÓ POR TEIMOSA	CHEIA E NUA, CHEGA E CHAMA
NÃO ENCONTRA COMPANHIA	PRA MOSTRAR EVOLUÇÕES
MAS PRA CASA NÃO VAI NÃO	O HOMEM DA RUA
EM CASA, A MODA	NÃO PERCEBE O SEU CHAMEGO
JÁ MUDOU, QUE A MODA MUDA	E POR FALTA D'OUTRO NEGO
EM VOLTA LÁ DA TELEVISÃO	SAMBA SÓ COM SEUS BOTÕES
NO CÉU, A LUA	
SURGE GRANDE E MUITO PROSA	
DÁ UMA VOLTA GRACIOSA	OS NAMORADOS
PRA CHAMAR AS ATENÇÕES	JÁ DISPENSAM SEU NAMORO
O HOMEM DA RUA	QUEM QUER RISO, QUEM QUER CHORO
QUE DA LUA ESTÁ DISTANTE	NÃO FAZ MAIS ESFORÇO NÃO
POR SER NEGRO BEM FALANTE	EA PRÓPRIA VIDA
FALA SÓ COM SEUS BOTÕES	AINDA VAI SENTAR SENTIDA
	VENDO A VIDA MAIS VIVIDA
O HOMEM DA RUA	QUE VEM LÁ DA TELEVISÃO
COM SEU TAMBORIM CALADO	O HOMEM DA RUA
JÁ PODE ESPERAR SENTADO	POR SER NEGO CONFORMADO
NA SUA ESCOLA NÃO VEM NÃO	DEIXA A LUA ALI DE LADO
A SUA GENTE	E VAI LIGAR OS SEUS BOTÕES
ESTÁ APRENDENDO HUMILDEMENTE	NO CÉU A LUA
UM BATUQUE DIFERENTE	ENCABULADA E JÁ MINGUANDO
QUE VEM LÁ DA TELEVISÃO	NUMA NUVEM SE OCULTANDO
NO CÉU, A LUA,	VAI DE VOLTA PROS SERTÕES

O SAPATEIRO

Roseana Murray

SAPATOS DE TODOS OS TIPOS,
EMPILHADOS, USADOS, MANCHADOS,
NA OFICINA DO SAPATEIRO.
QUANTAS CALÇADAS ANDARAM
ESSES SAPATOS,
QUANTAS FESTAS, QUANTOS RUMOS,
E, SOBRETUDO,
QUANTAS ENCRUZILHADAS?
INDIFERENTE A TANTAS HISTÓRIAS,
O SAPATEIRO MARTELA, COLA,
BATE SOLA O DIA INTEIRO.
ENTÃO, CANSADO,
FECHA A PORTA DA OFICINA,
ATRAVESSA A RUA,
E VAI PARA CASA COM SEU SAPATO
FURADO,
QUE SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE.

AS COISAS

Arnaldo Antunes

O CORPO EXISTE E PODE SER PEGO. É SUFICIENTEMENTE OPACO PARA QUE SE POSSA VÊ-LO. SE FICAR OLHANDO ANOS VOCÊ PODE VER CRESCER O CABELO. O CORPO EXISTE PORQUE FOI FEITO. POR ISSO TEM UM BURACO NO MEIO. O CORPO EXISTE, DADO QUE EXALA CHEIRO. E EM CADA EXTREMIDADE EXISTE UM DEDO. O CORPO SE CORTADO ESPIRRA UM LÍQUIDO VERMELHO.
O CORPO TEM ALGUÉM COMO RECHEIO.

EU, ETIQUETA

Carlos Drummond de Andrade

EM MINHA CALÇA ESTÁ GRUDADO SEU NOME
QUE NÃO É MEU DE BATISMO OU DE CARTÓRIO,
UM NOME... ESTRANHO.
MEU BLUSÃO TRAZ LEMBRETE DE BEBIDA
QUE JAMAIS PUS NA BOCA, NESTA VIDA.
EM MINHA CAMISETA, A MARCA DO CIGARRO
QUE NÃO FUMO, ATÉ HOJE NÃO FUMEI.
MINHAS MEIAS FALAM DE PRODUTO
QUE NUNCA EXPERIMENTEI
MAS SÃO COMUNICADOS A MEUS PÉS.
MEU TÊNIS É PROCLAMA COLORIDO
DE ALGUMA COISA NÃO PROVADA
POR ESTE PROVADOS DE LONGA IDADE.
MEU LENÇO, MEU RELÓGIO, MEU CHAVEIRO,
MINHA GRAVATA E CINTO E ESCOVA E PENTE,
MEU COPO, MINHA XÍCARA,
MINHA TOALHA DE BANHO E SABONETE,
MEU ISSO, MEU AQUILO,
DESDE A CABEÇA AOS BICOS DOS SAPATOS,
SÃO MENSAGENS,
LETRAS FALANTES,
GRITOS VISUAIS,
ORDENS DE USO, ABUSO, REINCIDÊNCIA,
OSTUME, HÁBITO, PREMÊNIA,
INDISPENSABILIDADE,
E FAZEM DE MIM HOMEM-ANÚNCIO ITINERANTE,
ESCRAVO DA MATÉRIA ANUNCIADA.
ESTOU, ESTOU NA MODA.
É DOCE ESTAR NA MODA, AINDA QUE A MODA
SEJA NEGAR MINHA IDENTIDADE,
TROCÁ-LA POR MIL, AÇAMBARCANDO
TODAS AS MARCAS REGISTRADAS,
TODOS OS LOGOTIPOS DO MERCADO.
COM QUE INOCÊNCIA DEMITO-ME DE SER
EU QUE ANTES ERA E ME SABIA
TÃO DIVERSO DE OUTROS, TÃO MIM-MESMO,

SER PENSANTE, SENTINENTE E SOLIDÁRIO
COM OUTROS SERES DIVERSOS E CONSCIENTES
DE SUA HUMANA, INVENCÍVEL CONDIÇÃO.
AGORA SOU ANÚNCIO,
ORA VULGAR, ORA BIZARRO,
EM LÍNGUA NACIONAL OU EM QUALQUER LÍNGUA
(QUALQUER, PRINCIPALMENTE).
E NISTO ME COMPRAZO, TIRO GLÓRIA
DE MINHA ANULAÇÃO.
NÃO SOU - VÊ-LA - ANÚNCIO CONTRATADO.
EU É QUE MISTERIOSAMENTE PAGO
PARA ANUNCIAR, PARA VENDER
EM BARES FESTAS PRAIAS PÉRGULAS PISCINAS,
E BEM À VISTA EXIBO ESTA ETIQUETA
GLOBAL NO CORPO QUE DESISTE
DE SER VESTE E UMA SANDÁLIA DE UMA ESSÊNCIA
TÃO VIVA, INDEPENDENTE,
QUE MODA OU SUBORNO ALGUM A COMPROMETE.
ONDE TEREI JOGADO FORA
MEU GOSTO E CAPACIDADE DE ESCOLHER,
MINHA IDIOSSINCRASIAS TÃO PESSOAIS,
TÃO MINHA QUE NO ROSTO SE ESPELHAM,
E CADA GESTO, CADA OLHAR,
CADA VINCO DA ROUPA
RESUMIA UMA ESTÉTICA?
HOJE SOU COSTURADO, SOU TECIDO,
SOU GRAVADO DE FORMA UNIVERSAL,
SAIO DA ESTAMPARIA, NÃO DE CASA,
DA VITRINA ME TIRAM, RECOLOCAM,
OBJETO PULSANTE MAS OBJETO
QUE SE OFERECE COMO SIGNO DE OUTROS
OBJETOS ESTÁTICOS, TARIFADOS.
POR ME OSTENTAR ASSIM, TÃO ORGULHOSO
DE SER NÃO EU, MAS ARTIGO INDUSTRIAL,
PEÇO QUE MEU NOME RETIFIQUEM.
JÁ NÃO ME CONVÉM O TÍTULO DE HOMEM.
MEU NOME NOVO É COISA.
EU SOU A COISA, COISAMENTE.

POEMA

Ilka B. Laurito

A PRIMEIRA VEZ,
MEU OLHAR FOI MÍOPE
E NÃO TE VIU.

A SEGUNDA VEZ,
MEU OLHAR FOI CEGO
E TE ACHOU FEIO.

A TERCEIRA VEZ,
O QUE FOI QUE ACONTECEU?...
UMA PANCADA NO PEITO
E UMA LUZ LÁ DENTRO
PISCANDO PARA MIM
COMO UM LETREIRO:
LINDO! LINDO! LINDO!

(QUEM FOI QUE DISSE
QUE NÃO EXISTE
AMOR À TERCEIRA VISTA?)

NEOLOGISMO

Manuel Bandeira

BEIJO POUCO, FALO MENOS AINDA.
MAS INVENTO PALAVRAS
QUE TRADUZEM A TERNURA MAIS FUNDA
E MAIS COTIDIANA.
INVENTEI, POR EXEMPLO, O VERBO TEADORAR.
INTRANSITIVO:
TEADORO, TEODORA.

NAMORO DESMANCHADO

Pedro Bandeira

JÁ NÃO TENHO NAMORADA
E NEM LIGO PARA ISSO.
É MELHOR FICAR SOZINHO,
NAMORAR SÓ DÁ ENGUIÇO.

EU CONHEÇO OS MEUS COLEGAS:
SEI QUE VÃO ARGUMENTAR
QUE PRA NÃO SER MAIS CRIANÇA
É PRECISO NAMORAR.

MAS A OUTRA SÓ GOSTAVA
DE CONVERSA E PASSEIO
E QUERIA QUE EU FICASSE
DE MÃOS DADAS NO RECREIO!

E EU ALI, SENTADO E QUIETO,
NO RECREIO LÁ DA ESCOLA,
DE MÃOS DADAS FEITO UM BOBO,
VENDO A TURMA JOGAR BOLA!

GOSTO MESMO É DE BRINCAR,
FAÇA CHUVA OU FAÇA SOL.
NAMORAR NÃO QUERO MAIS:
EU PREFIRO O FUTEBOL!

MEU POVO, MEU POEMA

Ferreira Gullar

MEU POVO MEU POEMA CRESCEM JUNTOS
COMO CRESCE NO FRUTO
A ÁRVORE NOVA

NO POVO MEU POEMA VAI NASCENDO
COMO NO CANAVIAL
NASCE VERDE O AÇÚCAR

NO POVO MEU POEMA ESTÁ MADURO
COMO O SOL
NA GARGANTA DO FUTURO

MEU POVO EM MEU POEMA
SE REFLETE
COMO A ESPIGA SE FUNDE EM TERRA FÉRTIL

AO POVO SEU POEMA AQUI DEVOLVO
MENOS COMO QUEM CANTA
DO QUE PLANTA

SONETO DE FIDELIDADE

Vinícius de Moraes

DE TUDO, AO MEU AMOR SEREI ATENTO
ANTES, E COM TAL ZELO, E SEMPRE, E TANTO
QUE MESMO EM FACE DO MAIOR ENCANTO
DELE SE ENCANTE MAIS MEU PENSAMENTO.

QUERO VIVÊ-LO EM CADA VÃO MOMENTO
E EM SEU LOUVOR EI DE ESPALHAR MEU CANTO
E RIR MEU RISO E DERRAMAR MEU PRANTO
AO SEU PESAR OU SEU CONTENTAMENTO.

E ASSIM, QUANDO MAIS TARDE ME PROCURE
QUEM SABE A MORTE, ANGÚSTIA DE QUEM VIVE
QUEM SABE A SOLIDÃO, FIM DE QUEM AMA

EU POSSA ME DIZER DO AMOR (QUE TIVE):
QUE NÃO SEJA IMORTAL, POSTO QUE É CHAMA
MAS QUE SEJA INFINITO ENQUANTO DURE.

COMIDA

Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto

BEBIDA É ÁGUA. COMIDA É PASTO.
VOCÊ TEM SEDE DE QUÊ?
VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?
A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA,
A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE.
A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA,
A GENTE QUER SAÍDA PARA QUALQUER PARTE.
A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA,
A GENTE QUER BEBIDA, DIVERSÃO, BALÉ.
A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA,
A GENTE QUER A VIDA COMO A VIDA QUER.

BEBIDA É ÁGUA. COMIDA É PASTO.
VOCÊ TEM SEDE DE QUE?
VOCÊ TEM FOME DE QUE?
A GENTE NÃO QUER SÓ COMER,
A GENTE QUER COMER E QUER FAZER AMOR.
A GENTE NÃO QUER SÓ COMER,
A GENTE QUER PRAZER PRA ALIVIAR A DOR.
A GENTE NÃO QUER SÓ DINHEIRO,
A GENTE QUER DINHEIRO E FELICIDADE.
A GENTE NÃO QUER SÓ DINHEIRO,
A GENTE QUER INTEIRO E NÃO PELA METADE.
BEBIDA É ÁGUA, COMIDA É PASTO.
VOCÊ TEM SEDE DE QUÊ?
VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

PARA REPARTIR COM TODOS

Thiago de Mello

COM ESTE CANTO TE CHAMO,
PORQUE DEPENDO DE TI.
QUERO ENCONTRAR UM DIAMANTE,
SEI QUE ELE EXISTE E ONDE ESTÁ.
NÃO ME ACANHO DE PEDIR AJUDA:
SEI QUE SOZINHO
NUNCA VOU PODER ACHAR.
MAS, DESDE LOGO, ADIVIRTO:
PARA REPARTIR COM TODOS.

TRAZ A TERNURA QUE ESCONDES
MACHUCADA NO TEU PEITO.
EU LEVO UM RESTO DE INFÂNCIA
QUE MEU CORAÇÃO GUARDOU.
VAMOS PRECISAR DE FACHOS
PARA AS VEREDAS DA NOITE
QUE OCULTA E, ÀS VEZES,
DEFENDE O DIAMANTE.

VAMOS JUNTOS.
TRAZ TODA A LUZ QUE TIVERES,
NÃO TE ESQUEÇAS DO ARCO-ÍRIS
QUE ESCONDESTES NO PORÃO.
EU PONHO A MINHA PORONGA,
DE USO NA SELVA,
É UMA LUZ
QUE SE ACONCHEGA NA SOMBRA.

NÃO VALE DESANIMAR
NEM PREFERIR OS ATALHOS
SEDUTORES QUE NOS PERDEM
PARA CHEGAR MAIS DEPRESSA.
VAMOS ACHAR O DIAMANTE
PARA REPARTIR COM TODOS.
MESMO COM QUEM NÃO QUIS VER
AJUDAR, FARTO DE SONHO.

COM QUEM PREFERIU FICAR
SOZINHO, BORDANDO DE OURO
O SEU UMBIGO ENGELHADO.
MESMO COM QUEM SE FEZ CEGO
OU SE ENCOLHEU NA VERGONHA
DE APARECER PROCURANDO.

COM QUEM FOI INDIFERENTE
E ZOMBOU DAS NOSSAS MÃOS
INFATIGADAS NA BUSCA,
MAS TAMBÉM COM QUEM TEM MEDO
DO DIAMANTE E SEU PODER,
E ATÉ COM QUEM DESCONFIA
QUE ELE EXISTA MESMO.

E EXISTE:
O DIAMANTE SE CONSTRÓI
QUANDO O PROCURAMOS JUNTOS
NO MEIO DA NOSSA VIDA
E CRESCE, LÍMPIDO, CRESCE,
NA INTENÇÃO DE REPARTIR
O QUE CHAMAMOS DE AMOR.

VERDADE

Carlos Drummond de Andrade

A PORTA DA VERDADE ESTAVA ABERTA,
MAS SÓ DEIXAVA PASSAR
MEIA PESSOA DE CADA VEZ.

ASSIM, NÃO ERA POSSÍVEL ATINGIR TODA A VERDADE,
PORQUE A MEIA PESSOA QUE ENTRAVA
SÓ TRAZIA O PERFIL DE MEIA VERDADE.
E SUA SEGUNDA METADE
VOLTAVA IGUALMENTE COM MEIO PERFIL.
E OS MEIOS PERFIS NÃO COINCIDIAM.
ARREBENTARAM A PORTA. DERRUBARAM A PORTA.
CHEGARAM AO LUGAR LUMINOSO
ONDE A VERDADE EXPLENDIA SEUS FOGOS.
ERA DIVIDIDA EM METADES
DIFERENTES UMA DA OUTRA.

CHEGOU-SE A DISCUTIR QUAL A METADE MAIS BELA.
NENHUMA DAS DUAS ERA TOTALMENTE BELA.
E CARECIA OPTAR. CADA UM OPTOU CONFORME
SEU CAPRICHOS, SUA ILUSÃO, SUA MIOPIA.

DIANTE DE UMA CRIANÇA

Carlos Drummond de Andrade

COMO FAZER FELIZ MEU FILHO?
NÃO HÁ RECEITAS PARA TAL.
TODO O SABER, TODO O MEU BRILHO
DE VAIDOSO INTELECTUAL
VACILA ANTE A INTERROGAÇÃO
GRAVADA EM MIM, IMPRESSA NO AR.
BOLA, BOMBONS, PATINAÇÃO
TALVEZ BASTEM PARA ENCANTAR?
IMPREVISTAS, FARTAS MESADAS,
LOUVORES, PRÊMIOS, COMPLACÊNCIAS
MILHÕES DE COISAS DESEJADAS,
CONFORME A LEI DO ESQUECIMENTO?

SUBMETER-ME À SUA VONTADE
SEM PONDERAR, SEM DISCUTIR?
DAR-LHE TUDO AQUILO QUE HÁ
DE ENTONCER UM GRÃO-VIZIR?
E SÓ DEPOIS DE TANTO MIMO QUE O ATRAIA, ELE SENTE
POBRE, SEM PAZ E SEM ARRIMO,
ALMA VAZIA, AMARGAMENTE?

NÃO É FELIZ. MAS QUE FAZER
PARA CONSOLO DESTA CRIANÇA?
COMO EM SEU ÍNTIMO ACENDER
UMA FAGULHA DE CONFIANÇA?

EIS QUE ACODE MEU CORAÇÃO
E OFERECE, COMO UMA FLOR,
A DOÇURA DESTA LIÇÃO:
DAR A MEU FILHO MEU AMOR.
POIS O AMOR RESGATA A POBREZA,
VENCE O TÉDIO, ILUMINA O DIA
E INSATURA EM NOSSA NATUREZA
A IMPERECÍVEL ALEGRIA.

A LENDA DE PÉGASO

Moraes Moreira/Jorge Mautner

ERA UMA VEZ, VEJAM VOCÊS, UM PASSARINHO FEIO,
QUE NÃO SABIA O QUE ERA, NEM DE ONDE VEIO
ENTÃO VIVIA, VIVIA A SONHAR EM SER O QUE NÃO ERA
VOANDO, VOANDO COM AS ASAS, ASAS DA QUIMERA
SONHAVA SER UMA GAIVOTA PORQUE ELA É LINDA E TODO MUNDO NOTA
E NAQUELA DE PRETENSÃO QUERIA SER UM GAVIÃO
E QUANDO ESTAVA FELIZ, FELIZ, SER A MISTERIOSA PERDIZ
E VEJAM, ENTÃO, QUE VERGONHA QUANDO QUIS SER A SAGRADA CEGONHA

E COM A VONTADE ESPARSA SONHAVA SER UMA LINDA GARÇA
E NUM INSTANTE DE DESENGANO QUERIA APENAS SER UM TUCANO
E FOI AQUELE, AQUELE TI-TI-TI QUANDO QUIS SER UM COLIBRI
POR ISSO LHE PISARAM O CALO E AÍ ENTÃO CANTOU DE GALO

SONHAVA COM A CASA DE BARRO, A DO JOÃO-DE-BARRO, E FICAVA TRISTE
TÃO TRISTE ASSIM COMO TU, QUERENDO SER O SINISTRO URUBU
E QUANDO QUERIA CAUSAR ESTORVO ENTÃO IMITAVA O SOMBRIO CORVO
E ATÉ HOJE AINDA SE DISCUTE SE É MESMO VERDADE QUE VIROU ABUTRE
E QUANDO JÁ ESTAVA QUERENDO AQUELA PAZ DOS SABIÁS
CANSADO DE VIVER NA SOMBRA, VOAR, REVOAR FEITO A LINDA POMBA
E AO SENTIR A FALTA DE UM GRANDE CARINHO
ENTÃO CANTAVA FEITO UM CANARINHO
E ASSIM O PASSARINHO FEIO QUIS SER ATÉ POMBO-CORREIO...
AÍ ENTÃO DEUS CHEGOU E DISSE: PEGUE AS MÁGOAS
PEGUE AS MÁGOAS E APAGUE-AS, TENHA O ORGULHO DAS ÁGUIAS
DEUS DISSE AINDA: É TUDO AZUL...
E O PASSARINHO FEIO VIROU CAVALO VOADOR, ESSE TAL DE PÉGASO
PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO,
PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO, PÉGASO, PEGA O AZUL!

VINICIUS DE MORAES PARA CRIANÇAS

(Poemas do livro **"A Arca de Noé"**, que também foram gravados em disco homônimo, em 1973. Em 2005 e 2007, a cantora Ana Cristina lançou as **"Histórias da Arca"**, CDs nos quais regravou as canções com novas roupagens e textos autorais).

A Casa

Era uma casa muito engraçada: não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela, não, porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi, porque penico não tinha ali
Mas era feita com muito esmero na Rua dos Bobos, número zero

A Porta

Sou feita de madeira, madeira, matéria morta
Não há coisa no mundo mais viva que uma porta
Eu abro devagarinho pra passar o menininho
Eu abro bem com cuidado pra passar o namorado
Eu abro bem prazenteira pra passar a cozinheira
Eu abro de supetão pra passar o capitão
Eu fecho a frente da casa , fecho a frente do quartel
Fecho tudo no mundo, só vivo aberta no céu!

O Gato

Num lindo salto, leve e seguro, o gato passa do chão ao muro
Logo mudando de opinião, passa de novo do muro ao chão
E pisa e passa cuidadoso, de mansinho
Pega e corre, silencioso atrás de um pobre passarinho
E logo pára, como assombrado, depois dispara, pula de lado
Se num novelo fica enroscado, ouriça o pêlo, mal-humorado
Um preguiçoso é o que ele é, e gosta muito de cafuné
Num lindo salto, leve e seguro, o gato passa do chão ao muro
Logo mudando de opinião, passa de novo do muro ao chão
...e quando, à noite, vem a fadiga
toma seu banho passando a língua pela barriga.

A Pulga

Um, dois, três, quatro, cinco, seis
 Com mais um pulinho estou na perna do freguês
 Um, dois, três, quatro, cinco, seis
 Com mais uma mordidinha, coitadinho do freguês
 Um, dois, três, quatro, cinco, seis
 Tô de barriguinha cheia, *Tchau, Good bye, Auf Wiedersehen*

As Abelhas

A abelha-mestra e as abelhinhas estão todas prontinhas para ir para a festa
 Num zune-que-zune, lá vão pro jardim brincar com a cravina, valsar com o jasmim
 Da rosa pro cravo, do cravo pra rosa, da rosa pro favo e de volta pra rosa
 Venham ver como dão mel as abelhas do céu
 Venham ver como dão mel as abelhas do céu
 A abelha-rainha está sempre cansada, engorda a pancinha e não faz mais nada
 Num zune-que-zune, lá vão pro jardim, brincar com a cravina, valsar com o jasmim
 Da rosa pro cravo, do cravo pra rosa, da rosa pro favo e de volta pra rosa
 Da rosa pro cravo, do cravo pra rosa, da rosa pro favo e de volta pra rosa

O Pato

Lá vem o pato, pata aqui, pata acolá, lá vem o pato, para ver o que é que há
 O pato pateta pintou o caneco, surrou a galinha, bateu no marreco
 Pulou do poleiro no pé do cavalo, levou um coice, criou um galo
 Comeu um pedaço de jenipapo, ficou engasgado, com dor no papo
 Caiu no poço, quebrou a tigela, tantas fez o moço que foi pra panela !

O Relógio

Passa, tempo, tic-tac, tic-tac, passa, hora,
 chega logo, tic-tac, tic-tac, e vai-te embora
 Passa, tempo bem depressa, não atrasa, não demora
 Que já estou muito cansado e já perdi toda a alegria
 De fazer meu tic-tac, dia e noite, noite e dia,
 Tic-tac, Tic-tac, dia e noite, noite e dia!

O Pinguim

Bom dia, Pinguim,
Aonde vais assim, com ar apressado,
Eu não sou malvado, não fique assustado , com medo de mim
Eu só gostaria de dar um tapinha no seu chapéu jaca,
ou bem de levinho puxar o rabinho da sua casaca
Quando você caminha, parece um chacrinha lelé da cachola
E um velho senhor que foi meu professor no meu tempo de escola
Pinguim meu amigo, não zangue comigo, nem perca a estribeira
Não pergunte por que, mas todos põem você em cima da geladeira

A Galinha d'Angola

Coitada, coitadinha da galinha d'Angola,
não anda ultimamente regulando da bola
Ela vende confusão e compra briga...
gosta muito de fofoca e adora intriga
Fala tanto que parece que engoliu uma matraca
e vive reclamando que está fraca
Tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca,
tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca
Coitada, coitadinha da galinha d'Angola,
Não anda ultimamente regulando da bola
Come tanto, até ter dor de barriga...
Ela é uma bagunceira de uma figa
Quando choca, cocoroca
Come milho e come caca e vive reclamando que está fraca
Tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca,
tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca

O Peru

Glu, glu, glu, abram alas pro Peru
 O peru foi a passeio, pensando que era pavão ,
 tico-tico riu-se tanto que morreu de congestão
 O peru dança de roda numa roda de carvão,
 quando acaba fica tonto de quase cair no chão (bis)
 O peru se viu um dia nas águas do ribeirão,
 foi se olhando, foi dizendo: - Que beleza de pavão!
 Foi dormir e teve um sonho, logo que o sol se escondeu:
 Que a sua cauda tinha cores, como a desse amigo seu.
 Glu, glu, glu, Abram alas pro Peru,
 Glu, glu, glu, Abram alas pro Peru!

O Pintinho

Pintinho novo, pintinho tonto, não estás no ponto, volta pro ovo
 Eu não me calo, falo de novo: Não banque o galo, Volta pro ovo
 A tia raposa não marca touca: tá só te olhando com água na boca
 E se ligeiro você escapar, tem um granjeiro que vai te adotar!

O meu ovo tá estreitinho, já me sinto um galetinho,
 já posso sair sozinho, eu já sou dono de mim
 Vou ciscar pela cidade grão de bico em quantidade,
 muito milho e liberdade por fim

Pintinho raro, pintinho novo, tá tudo caro, volta pro ovo!
 O tempo inteiro terás, pintinho, Um cozinheiro no seu caminho
 Por isso eu digo e falo de novo: Pintinho amigo então volta pro ovo
 Se, de repente, você escapar, no forno quente você vai parar

Gosto muito desta vida ensopada ou cozida,
 até assada é divertida, com salada e aipim
 Tudo lindo, a vida é bela, mesmo sendo à cabidela
 Pois será numa panela meu fim

Por isso eu digo e falo de novo: Pintinho amigo, então volta pro ovo!
 E se ligeiro você escapar, tem um granjeiro que vai te adotar!

Poemas Musicados

(coletânea de poesia da Língua Portuguesa, musicada por autores brasileiros e gravada ao vivo em CD "Poemas Musicados, ao Vivo", por Ana Cristina)

Viola de Bolso

(poema de Drummond, musicado por Luiz Cláudio)

Violeiro

Mineiro

Seu canto, nem forte, nem belo

Singelo

Recorda ternuras

Passadas, futuras

Presenças amadas

Amigos, imagens

Paisagens

Seu canto a um canto

De vida

Vivida.

Na ribeira deste rio

(poema de Fernando Pessoa, musicado por Dori Caymmi)

Na ribeira deste rio
Ou na ribeira daquele
Passam meus dias a fio
Nada me impede, me impele
Me dá calor ou dá frio

Vou vendo o que o rio faz
Quando o rio não faz nada
Vejo os rastros que ele traz
Numa sequência arrastada
Do que ficou para trás

Vou vendo e vou meditando
Não bem no rio que passa
Mas só no que estou pensando
Porque o bem dele é que faça
Eu não ver que vai passando

Vou na ribeira do rio
Que está aqui ou ali
E do seu curso me fio
Porque se o vi ou não vi
Ele passa e eu confio...

Canção Amiga

(poema de Drummond, musicado por Milton Nascimento)

Eu preparo uma canção
Em que minha mãe se reconheça
Todas as mães se reconheçam
E que fale como dois olhos
Caminho por uma rua
Que passa em muitos países
Se não me vêem, eu vejo
E saúdo velhos amigos
Eu distribuo segredos
Como quem ama ou sorri
No jeito mais natural
Dois caminhos se procuram
Minha vida, nossas vidas
Formam um só diamante
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas
Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças.

Desencanto

(poema de Manuel Bandeira, musicado por Francis Hime)

Eu faço versos como quem chora
De desalento ... de desencanto ...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.
Meu verso é sangue. Volúpia ardente ...
Tristeza esparsa ... remorso vão ...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.
E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.
eu faço versos como quem morre.

Que o Deus Venha

(poema de Clarice Lispector, musicado por Cazuzu e Frejat)

Sou inquieta, áspera e desesperançada,
embora amor dentro de mim eu tenha.
Só que eu não sei usar amor.
Se tanto amor dentro de mim eu tenho
e no entanto eu continuo inquieta,
é que eu preciso que o Deus venha.
Antes que seja tarde demais.
Corro perigo como toda pessoa que vive
e a única coisa que me espera é exatamente o inesperado.
Mas eu sei que vou ter paz antes da morte,
que vou experimentar um dia o delicado da vida.
Vou aprender como se come e vive o gosto da comida.

Lira Romantiquinha

(poema de Drummond, musicado por Ana Cristina)

Por que me trancas
o rosto e o riso
e assim me arrancas
do paraíso?

Por que não queres,
deixando o alarme
(ai, Deus: mulheres!),
acarinhar-me?

Por que cultivas
as sem perfume
e agressivas,
flores do ciúme?

Acaso ignoras
que te amo tanto,
todas as horas,
já nem sei quanto?

Visto que em suma
é todo teu,
de mais nenhuma,
o peito meu?

Anjo sem fé
nas minhas juras,
porque é que é
que me angusturas?

Minh'alma chove
frio, trstinho.
Não te comove
este versinho?

Cantiga para não morrer

(poema de Ferreira Gullar musicado por Alexandre Salles)

Quando você for se embora,

moça branca como a neve,

me leve.

Se acaso você não possa

me carregar pela mão,

menina branca de neve,

me leve no coração.

Se no coração não possa

por acaso me levar,

moça de sonho e de neve,

me leve no seu lembrar.

E se lá também não possa

por tanta coisa que leve

já viva em seu pensamento,

menina branca de neve,

me leve no esquecimento.

A Serenata

(Adélia Prado)

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele virá com a boca e mão incríveis
tocar flauta no jardim.

Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa.

Eu que rejeito e exprobro
o que não for natural como sangue e veias
descubro que estou chorando todo dia,
os cabelos entristecidos,
a pele assaltada de indecisão.

Quando ele vier, porque é certo que vem,
de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?

A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
- só a mulher entre as coisas envelhece.

De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei se não for santa?

Baladilha Arcaica

(poema de Manuel Bandeira, musicado por Toninho Horta)

Na velha torre quadrangular
Vivia a Virgem dos Devaneios...
Tão alvos braços... Tão lindos seios...
Tão alvos seios por afagar...

A sua vista não ia além
Dos quatro muros que a enclausuravam,
E ninguém via - ninguém, ninguém -
Os meigos olhos que a suspiravam.

Entanto fora, se algum zagal,
Por noites brancas de lua cheia,
Ali passava, vindo do val,
Em si dizia: - Que torre feia!

Um dia a Virgem desconhecida
Da velha torre quadrangular
Morreu inane, desfalecida,
Desfalecida de suspirar...

Alegre Menina

(poema de Jorge Amado, musicado por Dori Caymmi)

Oh! Que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?

Palácio real lhe dei, um trono de pedraria
Sapato bordado a ouro, esmeraldas e rubis
Ametista para os dedos, vestidos de diamantes
Escravas para servi-la, um lugar no meu dossel
E a chamei de rainha, e a chamei de rainha

Oh! que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?

Só desejava campina, colher as flores do mato
Só desejava um espelho de vidro pra se mirar
Só desejava o sol calor para bem viver
Só desejava o luar de prata pra repousar
Só desejava o amor dos homens pra bem amar

No baile real levei a tua alegre menina
Vestida de realeza, com princesas conversou
Com doutores praticou a sua dança faceira
Bebeu o vinho mais caro, mordeu fruta estrangeira
Entrou nos braços do Rei, Rainha mais verdadeira

Vou-me Embora pra Pasárgada

(poema de Manuel Bandeira, musicado por Gilberto Gil)

Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada

Aqui eu não sou feliz

Lá a existência é uma aventura

De tal modo inconsequente

Que Joana, a Louca de Espanha

Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente

Da nora que nunca tive

E como farei ginástica

Andarei de bicicleta

Montarei em burro brabo

Subirei no pau-de-sebo

Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado

Deito na beira do rio

Mando chamar a mãe-d'água

Pra me contar as histórias

Que no tempo de eu menino

Rosa vinha me contar

Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo

É outra civilização

Tem um processo seguro

De impedir a concepção

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas

Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste

Mas triste de não ter jeito

Quando de noite me der

Vontade de me matar

— Lá sou amigo do rei —

Terei a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada.

O Homem Público N° 1

Ana Cristina César

Tarde aprendi
bom mesmo
é dar a alma como lavada.
Não há razão para conservar
este fiapo de noite velha.
Que significa isso?
Há uma fita
que vai sendo cortada
deixando uma sombra
no papel.
Discursos detonam.
Não sou eu que estou ali
de roupa escura
sorrindo ou fingindo ouvir.
No entanto
também escrevi coisas assim,
para pessoas que nem sei mais
quem são,
de uma doçura venenosa
de tão funda.

MONTE CASTELO

RENATO RUSSO, LUIZ DE CAMÕES (sobre texto de Coríntios, XIII)

AINDA QUE EU FALASSE A LÍNGUA DOS HOMENS
E FALASSE A LÍNGUA DOS ANJOS
SEM AMOR EU NADA SERIA.

É SÓ O AMOR, E É SÓ O AMOR
QUE CONHECE O QUE É VERDADE
O AMOR É BOM, NÃO QUER O MAL
NÃO SENTE INVEJA OU SE ENVAIDECE

AMOR É FOGO QUE ARDE SEM SE VER
É FERIDA QUE DÓI E NÃO SE SENTE
É UM CONTENTAMENTO DESCONTENTE
É DOR QUE DESATINA SEM DOER.

AINDA QUE EU FALASSE A LÍNGUA DOS HOMENS
E FALASSE A LÍNGUA DOS ANJOS
SEM AMOR EU NADA SERIA.

É UM NÃO QUERER MAIS QUE BEM QUERER
É UM SOLITÁRIO ANDAR ENTRE A GENTE
É UM NÃO CONTENTAR-SE DE CONTENTE
É CUIDAR QUE SE GANHA EM SE PERDER

É UM ESTAR-SE PRESO POR VONTADE
É SERVIR A QUEM VENCE, O VENCEDOR;
É UM TER COM QUEM NOS MATA LEALDADE
TÃO CONTRÁRIO A SI É MESMO O AMOR.

ESTOU ACORDADO E TODOS DORMEM,
AGORA VEJO EM PARTE, MAS ENTÃO VEREMOS FACE A FACE

É SÓ O AMOR, É SÓ O AMOR QUE CONHECE O QUE É VERDADE
AINDA QUE EU FALASSE A LÍNGUA DOS HOMENS
E FALASSE A LÍNGUA DOS ANJOS
SEM AMOR EU NADA SERIA.